



*'O Banco Central tem, agora, meios de intervir no mercado. Os pequenos bancos serão liquidados'*

Carlos Thadeu de Freitas



*'A ajuda aos bancos abre espaço para que outros setores da economia pressionem o governo para terem o mesmo tratamento.'*

Sulamís Dain



*'Nossas regras contábeis de balanços são como um biquíni, mostram tudo, menos o essencial.'*

Márcio Garcia

# No ano que vem, fica tudo igual

■ Inflação baixa, desemprego em alta e crescimento reduzido são as previsões

CARLOS FRANCO

O desemprego continuará em alta, a inflação em queda, o real valendo mais que o dólar e pequenos bancos se fundindo com outros para sobreviver. O ano de 1996 não será muito diferente deste, pelo menos na opinião dos economistas que participaram do *Balanço Mensal* do último mês de 1995: Dionísio Dias Carneiro e Márcio Garcia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio (PUC-Rio), Carlos Ivan Simonsen Leal, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Sulamis Dain, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e Carlos Thadeu de Freitas, ex-diretor do Banco Central e professor do Instituto Brasileiro do Mercado de Capitais (Ibmec).

"Não se pode esperar taxas de crescimento superiores a 3%, 4%", garantiu Dionísio Carneiro, argumentando que essas são taxas confortáveis e compatíveis com o programa de estabilização. Mas ele teme que as previsões nos primeiros quatro meses do ano sejam catastróficas, porque as medidas de flexibilização de crédito e compulsório adotadas neste fim de ano só terão reflexo posteriormente. "Haverá pressões em função da defasagem das estatísticas de produção e emprego".

A maior preocupação do economista, compartilhada por Sulamis Dain, está, no entanto, nas pressões de estados e municípios sobre o Tesouro, devido ao crescimento da dívida pública decorrente das taxas de juros e do fato de 1996 ser um ano eleitoral. "O governo precisará ter firmeza", destacou.

**Taxas de juros** — Carlos Thadeu de Freitas, contudo, vê um ponto favorável na comparação das taxas de juros adotadas no país com as do exterior. "Como a tendência é de que as taxas internacionais continuem baixas, haverá uma maior procura de crédito no exterior por empresas brasileiras". Isso, na sua avaliação, é positivo porque permitirá a troca de uma dívida mais cara e de curto prazo por outra, mais barata e com prazo maior.

Tanto Freitas como Carneiro apostam ainda em aumento das exportações, com um pequeno superávit na balança comercial em 1996. Carneiro disse que como ocorreu uma desaleração e nada indica que haverá explosão de consumo, como no primeiro semestre deste ano, não haverá necessidade de fortalecer as importações para controlar os preços internos.

Também não há riscos de déficit na balança de pagamentos — a compensação do que entra e sai,

em dólares, no país — este ano, na opinião de Carneiro. "O Brasil tem registrado déficits pequenos em relação ao Produto Interno Bruto (PIB), e isso não chega a causar nenhuma aflição".

**Política cambial** — No que se refere ao câmbio, o debate foi um pouco mais acirrado. Carneiro prevê alterações graduais, "nada violentas". Freitas endossou afirmando que a política já está traçada e "será essa mesma". Sulamis Dain e Márcio Garcia também não apostam em alterações no câmbio. Já Carlos Ivan Simonsen Leal teme que essa política sofra ataques especulativos dada a sua rigidez (*veja os trechos da discussão nessa página*).

**Bancos** — Márcio Garcia defendeu, quando o assunto passou a ser o sistema financeiro, a exigência de que os balanços das empresas sejam mais rigorosos. "As regras contábeis de balanços são como os biquínis, mostram tudo, menos o essencial". Isso, acredita, impede que se possa perceber a real situação de um banco ou de uma empresa.

Para Freitas, a crise dos bancos já passou: "O Banco Central agora dispõe dos instrumentos necessários para intervir no mercado. Os bancos pequenos serão liquidados". O pior, assegurou, foi a indecisão do Banco Central, que "tem de agir com firmeza e precisão nesses casos".

**Fechando as portas** — Simonsen Leal acredita que muitos dos bancos que surgiram a partir de 1988, quando as corretoras e distribuidoras de títulos viraram bancos, vão desaparecer. "No mercado não há espaço para tantos bancos. É claro que muitos fecharão as portas", prevê Simonsen Leal. Ele destacou, no entanto, que as medidas de incentivo adotadas pelo governo evitarão um desgaste ao sistema.

**Serviços públicos** — Márcio Garcia defendeu a regulamentação dos serviços públicos a serem explorados pelo setor privado. "No Brasil, não temos muita experiência nessa área, que é fundamental". Ele acha que a partir das regras poderá haver uma melhoria dos serviços, reduzindo o chamado Custo Brasil. Sulamis concorda e defende, assim como Carneiro, que o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) invista mais em infra-estrutura. Esses investimentos, acreditam, também ajudarão a melhorar a oferta de emprego. Todos acham que a taxa continuará inalterada porque os ganhos com aumento de vendas serão decorrentes de aumento da produtividade, sem implicar aumento da oferta de vagas.



## PAUSA PARA O CAFEZINHO

**Eu quero** Sulamis Dain falava sobre o tratamento isonômico que alguns setores da economia e da sociedade vão reivindicar em relação à ajuda dada pela União ao sistema financeiro. "Afim, quem não quer uma ajuda dessas?", perguntou, recebendo de pronto a resposta de Carlos Ivan Simonsen Leal: "Eu quero". Risos e complementos de Márcio Garcia: "Eu também".

**Declínio** Convidada a fazer a abertura do debate, por ser a única mulher na mesa, Sulamis

não resistiu: "Muito obrigado, eu declino desse falso privilégio dado às mulheres". Olhares trocados, Carlos Thadeu foi o primeiro a falar.

**Ser ou não ser** Dionísio Carneiro apresentou um dilema shakesperiano sobre os títulos da dívida pública da União: "Eles são moedas podres porque insistimos em dizer que são podres, mas se considerarmos que serão honrados, serão bons". Dionísio defendeu que o governo valorize os seus títulos "porque são podres porque...".

### 'Stop and go'

Sulamís falava da regulação dos serviços públicos a serem explorados pelo setor privado quando pontuou: "O problema é o go do stop and go". Dionísio acrescentou: "o risco é para onde go". Carlos Ivan deu a direção: "Prá frente". Dionísio emendou com uma pergunta: "Do precipício?".

**Bang-Bang** Dionísio criticou a divisão do governo entre mocinhos e bandidos. Os que são chamados de mocinhos querem a recuperação, a retomada do crescimento

da economia e têm mais tolerância com a inflação, enquanto os bandidos, querem menos inflação e assume os riscos da recessão. "Essa divisão existe, mas é péssima, ninguém ganha com ela", disse garantindo que todos serão mocinhos. "É uma questão de tempo, as soluções são graduais". Ou seja, é preciso fazer primeiro o papel de bandido para depois ser o mocinho do plano de estabilização.

**Provisão** Os economistas avaliavam o cenário internacional, quando Dionísio

lembrou que o país cresceu a 7% ao ano na década de 70 e depois só se recuperou um pouquinho a partir de 85. Carlos Ivan interrompeu: "É isso que me dá aflição porque se cair agora será por um período de dez anos". Sulamis retrucou: "Isso não é simétrico". Dionísio recuperou o fôlego e disse que na Bíblia há uma passagem em que o pastor tem sete vacas gordas que são devoradas pelos corvos e ele é obrigado a fazer provisões para a época das vacas magras. "É o sonho de José", exclamou Carlos Thadeu.